

Folkcomunicação: Mestre de capoeira angola como o "guardião" das práticas comunicacionais da Capoeira. Murilo Aranha Guimarães Marcello

Folkcomunicação: Mestre de capoeira angola como o "guardião" das práticas comunicacionais da Capoeira

Folkcomunicación: Maestro de capoeira angola como el "guardián" de las prácticas comunicacionales de Capoeira

Folkcommunication: Capoeira angola master as the "guardian" of Capoeira's communicational practices

Murilo Aranha Guimarães Marcello¹⁴

Este ensaio, parte da tese em processo, sob os auspícios do Capes, tem como objetivo compreender as práticas comunicacionais dos mestres de capoeira angola. A capoeira trazer-nos uma complexidade por sua multidimensionalidade – podendo ser interpretada como arte, cultura, esporte, lazer. Mesmo com emergência de tecnológicas e redes digitais que a sociedade dispõe, a capoeira conta com tradições que atravessaram séculos.

Para tanto, buscou-se adotar a revisão bibliográfica como metodologia, a fim de se refletir sobre a concepção da Folkcomunicação, assim, averiguando questões como a tradição oral da capoeira.

Esse processo comunicacional da capoeira pode ser explicado pelos pensamentos da comunicação do popular marginalizado de Beltrão, a Folkcomunicação. O autor conceitua a Folkcomunicação como "o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes de massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore" (Beltrão, 2013, p. 115), que segundo o mesmo, algumas dessas manifestações constituem-se em veículos adequados à promoção de mudança social. Para Beltrão (2013), a Folkcomunicação é uma estreita vinculação entre o folclore e comunicação popular, sendo um "tipo de

¹⁴ Murilo Aranha Guimarães Marcello. Universidade de Sorocaba (Uniso), Doutorando em Comunicação e Cultura, Brasil, murilomarcello@yahoo.com.br.

“cismático” de transmissão de notícias e expressão de pensamento e das reivindicações coletivas” (p.115).

Na contemporaneidade, as convivências em redes virtuais transfaz certo modo viver, o antropólogo argentino Canclini (2008) intende que “as redes virtuais alteram os modos de ver e ler, as formas de reunir-se, falar e escrever, de amar e saber-se amado à distância, ou, talvez, imaginá-lo” (p. 54). No entanto, a capoeira na busca de preservar suas características tradicionais, toma-se certa distância de digitalizar-se. Isso não significa que os praticantes da capoeira não utilizem ou se adequem as redes digitais e tecnologias emergentes, mas que essas tradicionalidades que envolvem a prática, permeiam por outras práticas comunicacionais.

O pesquisador Mwewa (2007) fez um levantamento de como se comportaria a capoeira no universo virtual, e percebeu que a maioria dos conteúdos não eram de mestres. Neste caso, a persuasão midiática na dimensão dos relacionamentos interpessoais e práticas comunicacionais da capoeira são abarcadas por uma tradição oral, sendo a “história oral como fonte da transmissão do conhecimento sendo a mesma passada de geração a geração” (Silva, Santos & Milder,

2014, p. 2). Nesse sentido, os mestres capoeiristas podem ser considerados os comunicadores, aqueles que mantêm viva as tradições dessa arte.

A tradição de história oral é recorrida se da por dois fatores: o primeiro, pela falta de letramento, em decorrência a precariedade e subalternização vindas desde os tempos de escravidão; e a segunda por cautela pela perseguição.

O pesquisador Abib (2015), comenta a importância do mestre de capoeira para a existência da própria capoeira, dizendo ser quase impossível falar de capoeira e não pensar nessa figura, sendo esse, segundo o pesquisador, o “guardião da memória”.

Esses mestres de capoeira muito de influência têm dos griôs africanos, que transmitiam de forma oral vivências e saberes em reuniões, sendo isso realizado de geração em geração. Abib (2015) comenta que a capoeira “tem no seu mestre o principal veículo de transmissão” (p. 56). Por isso vemos antigos mestres que são reconhecidos por serem grandes contadores de história, cantadores, dançadores, mandingueiros etc. Assim, o atributo imprescindível para tornar-se mestre, não é ter uma performance atlética, mas sim ter conhecimento, e indo mais longe, ter capacidade de propagar esse

conhecimento, ou seja, é necessário envolvimento com a manifestação para ter o conhecimento.

A influência do conhecimento dos mestres pode-se relacionar com influenciador pessoal ou líder de opinião, termo utilizado por Lazarsfeld, Berelson e Guadet (1967). O mestre de capoeira é um grande ícone da capoeira, mas seu papel só é de destaque por que têm admiração dos outros pares, sendo fundamentado no conhecimento e na experiência.

Segundo Arruda e Gushiken a capoeira também tem processos comunicacionais que vão além da oralidade, para eles a roda de capoeira está envolvida em um universo simbólico, "que une canto, cantoria, códigos sociais, identificações culturais, coordenação, ritmo, equilíbrio, além da percepção do próprio corpo, dos objetos, das formas, das linhas e das cores" (Arruda & Gushiken, 2015, p. 114). A roda de capoeira em si representa uma série de simbolismos, desde o primeiro toque de berimbau até as batidas de palmas, tudo faz parte do jogo de capoeira, isso faz com que o momento não seja exclusivo dos dois adversários no meio da roda, ou seja, jogo se compreende como um todo, por isso sem roda de capoeira, não se tem um jogo de

capoeira. Nesse sentido a roda da capoeira também é um processo comunicacional.

Na perspectiva folkcomunional, de Beltrão (2013), é nessa manifestação coletiva, como a capoeira, que se pode apreender o popular, buscando suas práticas comunicacionais nas expressões simbólicas da cultura popular, transmitindo informações, expressando um pensamento e que busca reivindicações coletivas. Tratando-se da capoeira e sua roda, temos um fenômeno repleto de folclore, compreendido como o saber popular, sendo esse dinâmico e vivo, como proposto por Carneiro (2013), no qual essa tradição é permeada pelos mestres de capoeira.

Referências

ABIB, Pedro. *Conversas de Capoeira*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2015.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: Intercâmbio de Mensagens*. In: MELO, José Marques, FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs). *Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira*. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

CLANCLINI, Néstor García. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CARNEIRO, Edison. *Dinâmica do Folclore*. In: MELO, José Marques, FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs). *Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira*. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

Lazarsfeld, P.F., Berelson, B. & Gaudet, H. (1967). *The People's Choice*. 3ª ed Nova York: Columbia University Press.

Mwewa, M. (2007) *Entretenimento, "tempo livre" e sociedade de consumo no mundo da capoeira*. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, 2(2), 48-55.

Silva, J. S, Santos, J. R. Q. dos & Milder, S. E. S. (2014). *A prática da Capoeira enquanto patrimônio cultural: Trajetórias afrodescendentes e multiculturais no Brasil*. *Revista Estudios Históricos, Uruguai*, 12, 1-19.

Anunciação, D. (Diretora). (2018). *A dona do terreiro [Documentário]*. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6wP1Tg8MF2I>. Data do acesso: 12 jun. 2019.

Beauvoir, S. (1967). *O segundo sexo II: a experiência vivida*. (2ª ed.). São Paulo: Difusão Europeia do livro.

Carmo-Roldão, I. C.; Bazi, R. E. R. & Oliveira, A. P. S. (2007). *O espaço do documentário e da vídeo-reportagem na*

televisão brasileira: uma contribuição ao debate. *Contracampo*, 2(17), 107-126.

Collins, P. H. (2016, Jan./Abr.). *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*. *Revista Sociedade e Estado*, 31(1), 99-127.

Collins, P. H. (2017, Jan./Jun.). *Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória*. *Parágrafo*, 5(1), 7-17.

Davis, A. (2016). *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo.

Dias, G. T. (2018). *Os Intelectuais alagoanos e o Quebra de Xangô de 1912: uma história de silêncios (1930-1950)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil.

Góis Junior, E. & Lovisolo, H. (2005). *A educação física e concepções higienistas sobre raça: uma reinterpretação histórica da educação física na virada dos anos 1930*. *Revista Portuguesa de Ciências do desporto*, 5(3), 322-328.

Gracia, T. I. (2005). *O "giro linguístico"*. In Iñiguez, L. *Manual de análise do discurso em Ciências Sociais*. (2ª ed.). (pp.19-49). Petrópolis: Vozes.

Joaquim, M. S. (2001). *O papel da liderança religiosa feminina na construção da*

identidade negra. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: Educ.

Kilomba, G. (2019). *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó.*

Mbembe, A. (2014). *Crítica da razão negra. Portugal: Antígona.*

Melo, C. T. V.; Gomes, I. M. & Morais, W. (2001). *O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral. In Anais, 24 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (pp. 1-14). Campo Grande: UFMS.*

Montes, M. L. (1996). *Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia. In Schwarcz, L. M. & Queiroz, R. S. (Org.). Raça e Diversidade. (pp. 47-75). São Paulo: Edusp.*

Munanga, K. (1996). *As facetas de um racismo silenciado. In Schwarcz, L. M. & Queiroz, R. S. (Org.). Raça e Diversidade. (pp. 213-229). São Paulo: Edusp.*

Nichols, B. (2010). *Introdução ao documentário. (5a ed.). Campinas: Papirus.*

Pinheiro, O. (1999). *Entrevista: uma prática discursiva. In Spink, M. J. (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos*

no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. (pp. 183-214). São Paulo: Cortez.

Ribeiro, D. (2019). *Lugar de fala. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.*

Rodrigues, N. (2005). *Animismo Fetichista dos negros Bahianos. Salvador: Teatro XVIII. (Coleção A/C/ Brasil).*

Schwarcz, L. M. (1996). *As teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX. In Schwarcz, L. M. & Queiroz, R. S. (Org.). Raça e Diversidade. (pp. 147-185). São Paulo: Edusp.*

Silva, V. G. (2005). *Candomblé e Umbanda: Caminhos de Devoção Brasileira. São Paulo: Selo Negro.*

Spink, M. J. (2014). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.*

Van Dijk, Teun. (2008). *Discurso e poder. São Paulo: Contexto.*

Verger, Pierre. (1986). *A contribuição especial das mulheres ao candomblé do Brasil. São Luís do Maranhão: UNESCO.*